

Participação estrangeira pode ser maior

Historicamente, os investimentos estrangeiros no Brasil sempre estiveram ligados à atuação do Estado e à política de compras públicas. O capital externo está presente em todos os setores da economia brasileira, a exceção de três: financeiro, bélico e de microeletrônica (a tecnologia da informática cujo mercado é reservado por lei às indústrias nacionais). E o que constata o Professor da Unicamp Octávio Barros, Vice-Presidente do Conselho Regional de Economia de São Paulo.

Barros prefere não enquadrar a indústria bélica brasileira como estratégica, visto que aqui, ao contrário do desempenho da indústria de armamentos dos Estados Unidos, não produziu, em sua opinião, efeito multiplicador de difusão de tecnologia. O mesmo ele não diria dos bancos e das indústrias de microeletrônica, setores que em sua opinião têm papel de destaque no novo cenário de integração econômica mundial.

— É óbvio que o País não pode prescindir de investimento externo, mas temos que atentar para a mudança em curso no sistema financeiro internacional, hoje muito mais um mercado de títulos para captação de recursos, intermediados pelos bancos, do que um mercado de empréstimos — assinala.

Pois bem, aí está uma proposta: as empresas brasileiras, públicas e privadas, precisam lançar títulos no mercado internacional para captar recursos, empreitada que pode vir a ser apoiada pelos grandes bancos estrangeiros, que inclusive assumiriam os riscos, em troca da abertura a uma maior participação deles aqui. Essa negociação estratégica sugerida por Barros se estenderia também à dívida externa. Afinal, um dos argumentos fortes contra o Brasil, de que a estrutura financeira aqui é demasiadamente concentrada, pode bem servir à desvalorização da dívida.

Octávio Barros nota, ainda, que no terreno na microeletrônica até os mais xiitas defensores da reserva de mercado para a informática hoje preconizam, senão uma abertura, uma flexibilização da Lei 7232. O Professor da Unicamp observa, contudo, que a filosofia da reserva de mercado nunca foi a de promover a produção de tudo, reinventando a roda, mas de permitir o domínio da concepção de projetos de engenharia, para assegurar condições menos desfavoráveis do parceiro nacional em uma futura associação com o capital estrangeiro. E em alguns segmentos, as associações já são possíveis e vantajosas.